

Saberes em movimento: Proposta pedagógica da "Trilha da Agroecologia 2025/1" do CRESAN-BH

Kerley dos Santos Alves¹, Áurea Lana Leite², Elza Russo²

¹ Docente no Mestrado profissional em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental e no Mestrado em Química. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

² Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional (CRESAN), 31210-010, Belo Horizonte/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: kerley@ufop.edu.br

Submetido em: 11 jul. 2025. Aceito em: 26 jul. 2025

Resumo

Este artigo analisa a estrutura, o conteúdo e a proposta pedagógica do curso "Trilha da Agroecologia 2025/1", oferecido pelo Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional (CRESAN) da Prefeitura de Belo Horizonte. A metodologia combina a análise documental do cronograma oficial do curso com um relato de experiência, a partir da vivência como participante. A análise está estruturada em cinco eixos temáticos que revelam a lógica do curso: os fundamentos técnicos e o solo vivo; a conexão com o território, a ancestralidade e as lutas sociais; as práticas e vivências em campo; a inserção nos sistemas alimentares e políticas públicas; e a integração com a saúde, a arte e a cultura. Conclui-se que a força da "Trilha" reside na sua capacidade de promover um intenso diálogo de saberes – científico, popular, tradicional e ancestral – e na sua metodologia territorializada, que conecta teoria e prática de forma indissociável. O curso se revela não apenas como uma formação técnica, mas como uma potente ferramenta de educação popular e de construção de uma cidadania biocultural, fundamental para o futuro de cidades mais sustentáveis.

Palavras-chave: Agroecologia, Educação Popular, Segurança Alimentar e Nutricional, Diálogo de Saberes, CRESAN.

Abstract

Knowledge in motion: Pedagogical proposal of the "Agroecology Trail 2025/1" from CRESAN-BH

This article analyzes the structure, content, and pedagogical proposal of the "Agroecology Trail 2025/1" course, offered by the Reference Center for Food and Nutritional Security (CRESAN) of the Belo Horizonte City Hall. The methodology combines documentary analysis of the official course schedule with an experience report from a participant's perspective. The analysis is structured into five thematic axes that reveal the course's logic: technical foundations and living soil; connection with territory, ancestry, and social struggles; hands-on practices and field experiences; integration into food systems and public policies; and integration with health, art, and culture. It is concluded that the strength of the "Trail" lies in its ability to promote an intense dialogue of knowledge—scientific, popular, traditional, and ancestral—and in its territorialized methodology, which inextricably connects theory and practice. The course reveals itself not

only as technical training but as a powerful tool for popular education and the construction of a biocultural citizenship, fundamental for the future of more sustainable cities.

Keywords: Agroecology, Popular Education, Food and Nutritional Security, Dialogue of Knowledge, CRESAN.

Introdução

Em um cenário global de crises climáticas e sociais, a agroecologia emerge como uma resposta robusta, propondo-se como ciência, prática e movimento social para a construção de sistemas agroalimentares mais resilientes e sustentáveis. Especialmente nos contextos urbanos e periurbanos, ela se torna uma ferramenta estratégica para reconectar as pessoas à origem de seus alimentos, regenerar espaços e fortalecer a segurança alimentar e nutricional.

É nesse contexto que se insere o Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional (CRESAN) de Belo Horizonte, um equipamento da Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (SMSAN) que, desde 2018, oferece à população o curso "Trilha da Agroecologia". Esta iniciativa de formação se consolidou como uma importante política pública de educação popular na capital mineira.

O curso visa a formação de agentes multiplicadores dos princípios da agroecologia e é aberto a toda a população. Com carga horária total de 56 horas, a formação é dividida em 14 encontros semanais de 4 horas cada. Os encontros são presenciais, tendo como ponto de partida o CRESAN, no Mercado da Lagoinha, e incluem visitas de campo a diversos espaços em Belo Horizonte e Região Metropolitana. A estrutura pedagógica, detalhada nos Quadros 1 e 2, combina teoria e prática por meio de metodologias participativas.

Este artigo tem como objetivo analisar a estrutura e a proposta pedagógica da edição

2025/1 da "Trilha da Agroecologia", a partir de uma dupla perspectiva: a análise do seu programa oficial e a vivência dos cursistas. Busca-se compreender como o curso articula diferentes saberes e práticas para construir um conhecimento agroecológico abrangente e territorializado, investigando seus pontos fortes e os desafios inerentes a essa proposta.

Fundamentação Teórica

A análise da "Trilha da Agroecologia" ancora-se em três pilares teóricos interdependentes que, juntos, iluminam a complexidade e a potência da sua proposta. O primeiro pilar é a Agroecologia em sua tripla dimensão de ciência, prática e movimento. O segundo é a Educação Popular e o Diálogo de Saberes, que fornecem o alicerce pedagógico do curso. Por fim, o terceiro pilar contextualiza a iniciativa no campo da Agricultura Urbana e da luta pela Soberania Alimentar, demarcando seu espaço de atuação política e social na metrópole:

Agroecologia: Ciência, prática e movimento

A agroecologia emerge como uma resposta científica e política ao modelo hegemônico da agricultura industrial. Este modelo, consolidado a partir da segunda metade do século XX com a chamada "Revolução Verde", embora tenha aumentado a produtividade, gerou profundos impactos socioambientais, como degradação do solo, perda de biodiversidade e concentração de terras. Como contraponto, a agroecologia ganhou força a partir dos anos 1970, propondo uma abordagem que integra o conhecimento científico

com os saberes tradicionais de agricultores, camponeses e povos originários (Caporal; Costabeber, 2004). Indo além da mera substituição de insumos, a proposta agroecológica visa o redesenho completo dos agroecossistemas com base em princípios ecológicos. Conforme define Altieri (2012, p. 77), a agroecologia é "o estudo das interações entre os componentes do agroecossistema", buscando criar sistemas produtivos resilientes e biodiversos. A "Trilha" abraça essa dimensão científica ao abordar temas como manejo do solo e controle biológico. Contudo, o curso transcende a técnica ao incorporar a agroecologia também como um movimento social, alinhado às lutas de camponeses, povos indígenas e comunidades tradicionais pela terra e pelo direito de produzir (Altieri, 2012).

O diálogo de saberes e a educação popular

Essa dimensão de movimento da agroecologia materializa-se pedagogicamente através do diálogo de saberes. Este princípio, central na epistemologia do Sul, propõe a superação da monocultura do saber científico ao reconhecer a validade de outras formas de conhecimento (Santos, 2007). A "Trilha da Agroecologia" operacionaliza essa "ecologia de saberes" ao colocar lado a lado técnicos, mestres populares, raizeiras e lideranças comunitárias. Tal abordagem conecta-se diretamente à pedagogia de Paulo Freire, para quem a educação é um ato dialógico e libertador, no qual "os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1987, p. 44). Assim, o curso não trata os participantes como receptáculos de informação, mas como sujeitos ativos na construção do seu próprio conhecimento.

Agricultura urbana e soberania alimentar

O palco onde essa pedagogia e essa prática se desenrolam é a metrópole. A aplicação da agroecologia em Belo Horizonte insere-se no campo da Agricultura Urbana e Periurbana (AUP), reconhecida por suas múltiplas funções, como encurtar circuitos de consumo, promover inclusão social e fortalecer a segurança alimentar e nutricional (Mougeot, 2000). A Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) é compreendida como a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (CONSEA, 2007). O curso avança, no entanto, do conceito técnico de segurança alimentar para o conceito político de soberania alimentar.

Material e Métodos

Este trabalho configura-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, que busca compreender em profundidade a proposta pedagógica, os significados e os impactos da "Trilha da Agroecologia 2025/1" a partir da articulação entre a estrutura formal do curso e a vivência das autoras. Para alcançar este objetivo, foram empregados, de forma complementar, os métodos de análise documental e pesquisa participante (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009).

A análise documental teve como objeto o documento oficial "Programação - Trilha da Agroecologia 2025/1", fornecido pelo CRESAN.¹

¹ O documento analisado é de circulação interna, distribuído aos participantes do curso. Informações públicas sobre a iniciativa estão disponíveis na página oficial da Prefeitura de Belo Horizonte: <https://prefeitura.pbh.gov.br/seguranca-alimentar-nutricional/gastronomia-e-qualificacao-profissional/trilhas-agroecologia>.

Este documento foi examinado para identificar a estrutura proposta, os objetivos de cada encontro, os conteúdos programáticos e os formadores envolvidos, permitindo a reconstrução da arquitetura pedagógica intencional do curso.

Paralelamente, a pesquisa participante foi realizada por meio da imersão completa das autoras como cursistas na Turma T1 (março a julho de 2025). Esta abordagem permitiu captar não apenas o conteúdo explícito, mas também as dinâmicas intersubjetivas, os diálogos, as emoções e os saberes partilhados que emergem no processo educativo. Os dados foram registrados em um diário de campo, contendo: a) observações densas sobre o ambiente, as interações e as práticas realizadas em cada encontro; b) anotações de falas e depoimentos significativos de formadores, mestres e outros participantes; c) reflexões e interpretações pessoais das autoras sobre as vivências; d) registros fotográficos para ilustrar os espaços e as atividades.

A análise dos dados, tanto documentais quanto do diário de campo, foi conduzida com base nos princípios da Análise de Conteúdo, seguindo as etapas propostas por Bardin (2016). O método compreende três fases principais: 1) a pré-análise, com a organização do material e a formulação de hipóteses; 2) a exploração do material, que consiste na codificação e categorização dos dados; e 3) o tratamento dos resultados, com a inferência e interpretação das informações. A combinação da análise documental com a pesquisa participante viabilizou a triangulação de fontes, conferindo maior validade e profundidade à análise, ao contrastar o "prescrito" (o programa) com o "vivido" (a experiência).

Resultados e Discussão

A análise da "Trilha da Agroecologia 2025/1" revela uma iniciativa de formação de excepcional riqueza pedagógica e política. Longe de ser um manual técnico, o curso se constitui como uma jornada de imersão que reconecta os participantes com a terra, com a ancestralidade, com o território urbano e com as complexas teias que formam nosso sistema alimentar.

Ao trazer vozes de mestres populares, lideranças de terreiro, raizeiras e ativistas, o CRESAN não apenas ensina agroecologia, mas a prática em sua essência: como um movimento social inclusivo, fundamentado na pedagogia freireana da autonomia e na ecologia de saberes. A iniciativa forma não apenas agricultores urbanos, mas cidadãos bioculturais, dotados de ferramentas técnicas e, sobretudo, de consciência crítica para atuar na construção de cidades mais resilientes e, por que não, mais saborosas. A "Trilha da Agroecologia" se firma, assim, como uma política pública necessária.

Nesta seção, são apresentados os resultados da pesquisa, divididos em duas partes complementares. A primeira detalha a arquitetura pedagógica do curso, apresentando sua ementa programática completa (Quadro 1). A segunda parte aprofunda a análise, organizando os encontros em cinco eixos temáticos (Quadro 2) e articulando esses resultados com a fundamentação teórica e com as percepções dos cursistas, a fim de responder ao objetivo central do artigo.

Arquitetura Pedagógica da "Trilha da Agroecologia"

A estrutura do curso é apresentada no Quadro 1, que detalha a ementa completa da Trilha da Agroecologia. Este cronograma serve

como base para a análise subsequente, revelando a progressão dos temas abordados.

A análise deste programa revelou uma estrutura lógica que avança do micro para o macro, do técnico para o político. O percurso formativo foi organizado em cinco eixos temáticos, que articulam as diferentes dimensões da agroecologia. Estes eixos estão sintetizados no Quadro 2 a seguir, que serve como um mapa para a arquitetura pedagógica do curso. Os números na coluna "Encontros Relacionados" correspondem aos encontros listados na ementa (Quadro 1).

Quadro 1. Ementa da Trilha da Agroecologia 2025/2.

Encontro	Tema gerador
1	Introdução à Agroecologia: trilhando caminhos para cidades sustentáveis
2	Bens naturais, território e bem viver nas cidades
3	Relações agroecológicas com o solo I – Manejo do solo
4	Relações agroecológicas com o solo II

5	Equilíbrio do Sistema Agroecológico: manejo de insetos, doenças e plantas espontâneas
6	Socioagrobiodiversidade e Sementes Crioulas
7	Sistemas agrícolas complexos e agroflorestas urbanas
8	Transição agroecológica, certificação orgânica e construção social de mercados
9	Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional: ações coletivas e políticas públicas
10	Plantas Medicinais e perspectiva agroecológica da saúde
11	Cultivando o Futuro: Práticas de Agricultura Urbana e Cuidados
12	PANCS: Plantas da Ancestralidade, culinária ancestral e agroecologia
13	Compostagem, gestão de resíduos e saneamento ambiental
14	Agroecologia, Arte, Cultura e Diversidade

Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte (2025).

Quadro 2. Eixos Temáticos da Trilha da Agroecologia 2025/1.

Eixo Temático	Encontros Relacionados	Conceitos-Chave	Dimensão da Agroecologia
1. A Base Sólida – Fundamentos e o Solo Vivo	1 (Introdução à Agroecologia) e 3 (Manejo do Solo)	Revolução Verde, latossolo, matéria orgânica, cobertura do solo, resiliência do sistema, ciência do solo.	Científica e Técnico-Prática
2. O Chão que pisamos - Território, Ancestralidade e Lutas	2 (Bens Naturais e Bem Viver) e 6 (Socioagrobiodiversidade e Sementes Crioulas)	Território, racismo ambiental, bem viver, resistência, soberania alimentar, sementes crioulas, cosmologias.	Política, Social e Cultural
3. Mãos na Terra – Práticas e Vivências em Campo	4 (Equilíbrio do Sistema), 6 (Agroflorestas), 13(Compostagem)	Controle biológico, sucessão ecológica, sintropia, agrofloresta,	Prática e Vivencial

		gestão de resíduos, ciclo de nutrientes.	
4. Da Horta à Sociedade – Mercados e Políticas Públicas	8 (Construção de Mercados/SPG) e 9 (Segurança Alimentar/Políticas Públicas)	Circuitos curtos, SPG, certificação participativa, segurança alimentar e nutricional (SAN), políticas públicas.	Econômica e Política
5. A Cura e o Sabor – Saúde, Cultura e Arte	10 (Plantas Medicinais), 12 (PANCS), 14 (Arte e Cultura)	Etnobotânica, saúde popular, PANC, culinária ancestral, identidade biocultural, arte-educação.	Cultural, Sensorial e de Saúde

Fonte: Autoras (2025).

O percurso formativo inicia-se com o Eixo 1, "A base sólida, fundamentos e o solo vivo". Os Encontros 1 e 3 estabeleceram os fundamentos científicos da agroecologia, apresentando-a como um conceito diverso que se opõe à degradação da natureza (Ferreira et al., 2024). A aula sobre Manejo do Solo, em particular, resgatou o pensamento de Ana Maria Primavesi (Primavesi, s.d.), convidando os participantes a uma atividade prática de desenhar o que imaginavam conter no solo. A roda de conversa que marcou este momento, ilustrada na Figura 1, foi importante para desconstruir a visão da terra como um substrato inerte e introduzir a complexidade do solo como um organismo vivo, lançando as bases para todo o curso.

A partir dessa base, o curso mergulha em seu coração político e espiritual com o Eixo 2, "O chão que pisamos, território, ancestralidade e lutas". O Encontro 2, sobre "Bens naturais, território, e bem viver nas cidades", foi uma imersão nas lutas históricas dos povos tradicionais, marcada pela palavra de mestres como Pai Ricardo (CCPJO)² e Letícia das Folhas.

² Pai Ricardo (CCPJO) é uma liderança do Candomblé de Belo Horizonte, conhecido por sua atuação na

Esse momento de escuta e diálogo, registrado na Figura 2, conectou a prática agroecológica à ancestralidade de matriz africana e à urgência do combate ao racismo estrutural e ambiental³. A Figura 3 mostra o ambiente da aula expositiva, realizada no auditório que homenageia a pioneira Ana Maria Primavesi, conferindo um peso simbólico ao encontro. Essa discussão foi aprofundada no Encontro 5, sobre "Socioagrobiodiversidade e Sementes Crioulas"⁴, que tratou a defesa das sementes nativas como um ato de soberania alimentar e de proteção da identidade biocultural.

O Eixo 3, "Mãos na terra, práticas e vivências em campo", materializou os conceitos em atividades concretas, mostrando que a agroecologia em Belo Horizonte é "tecida por histórias e trajetórias que articulam necessidades e ancestralidade, desejo de construir protegendo

defesa dos territórios de povos e comunidades tradicionais e na luta pela soberania alimentar.

³ O racismo ambiental refere-se à injustiça social e ambiental, na qual comunidades de baixa renda e racializadas são desproporcionalmente expostas a poluição, resíduos tóxicos e outros riscos ambientais.

⁴ Sementes crioulas são variedades desenvolvidas, adaptadas e mantidas por agricultores familiares, comunidades indígenas e quilombolas ao longo de gerações, representando um patrimônio genético e cultural fundamental para a agrobiodiversidade.

modos de vida tradicionais e assim, jardins domésticos, quintais produtivos, hortas comunitárias em espaços e equipamentos públicos apontam caminhos para redesenhar a

relação cidade-natureza” (Ferreira et al., 2024, p. 15).



Figura 1. Atividade prática do Encontro 1, com os participantes em roda de conversa.

Fonte: Banco de dados do Trilhas da Agroecologia - TURMA1 (2025).



Figura 2. Momento de escuta e diálogo com mestres de saber durante o Encontro 2.

Fonte: Banco de dados do Trilhas da Agroecologia - TURMA1 (2025).

No Encontro 4, os cursistas visitaram a Biofábrica da PBH⁵, onde aprenderam sobre o controle biológico de pragas, e o projeto Poliniza

BH⁶, que trata da criação de abelhas nativas. O Encontro 12 foi dedicado à compostagem e

⁵ A Biofábrica da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) é um espaço dedicado à produção de microrganismos e insumos biológicos para o controle de pragas e doenças na agricultura urbana, substituindo o uso de agrotóxicos.

⁶ O Projeto Poliniza BH, da PBH, instala meliponários (criações de abelhas nativas sem ferrão) em parques e áreas verdes da cidade para promover a polinização e a educação ambiental. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-inaugura->

gestão de resíduos, com uma visita ao Projeto Núcleo Lixo Zero⁷, que demonstrou na prática como resíduos orgânicos podem ser tratados como valiosos recursos para a regeneração do solo (Gonçalves; Souza, 2025). A Figura 4 ilustra uma dessas atividades no espaço do projeto para conhecer as práticas de manejo e compostagem.



Figura 3. Aula expositiva no auditório Ana Maria Primavesi durante o Encontro 2.

Fonte: Banco de dados do Trilhas da Agroecologia - TURMA1 (2025).



Figura 4. Atividade de compostagem e manejo durante o Encontro 3.

Fonte: Banco de dados do Trilhas da Agroecologia - TURMA1 (2025).

[meliponarios-do-projeto-poliniza-bh-que-preserva-abelha-sem-ferrao](#).

⁷ O Projeto Núcleo Lixo Zero, localizado no bairro Santa Tereza em BH, é uma iniciativa comunitária que promove a gestão descentralizada e a compostagem de resíduos orgânicos, transformando-os em adubo localmente.

A conexão entre a produção e o sistema social foi o foco do Eixo 4, "Da Horta à Sociedade – Mercados e Políticas Públicas". Este eixo construiu a ponte entre o canteiro e a cidade, abordando no Encontro 7 os desafios da comercialização através do debate sobre "Construção Social de Mercados/SPG", que apresentou os Sistemas Participativos de Garantia como uma alternativa poderosa à

certificação convencional. O Encontro 9, focado em "Segurança Alimentar/Políticas Públicas", conectou a prática agroecológica às estratégias macro da cidade, com uma visita ao Banco de Alimentos e uma exposição sobre as ações da Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional (SUSAN), momentos que podem ser observados nas Figura 5 e 6.



Figura 5. Participantes reunidos em visita a um espaço de comercialização).

Fonte: Acervo Áurea (2025).



Figura 6. Aula expositiva sobre Políticas Públicas.

Fonte: Banco de dados do Trilhas da Agroecologia - TURMA1 (2025).

Finalmente, o Eixo 5, "A cura e o sabor, saúde, cultura e arte", celebrou a dimensão cultural e de bem-estar da agroecologia. Este eixo

foi marcado pela sabedoria de mestres como a raizeira Tantina conforme apresentado na Figura 7, que compartilhou conhecimentos ancestrais

sobre o uso de plantas medicinais. As aulas práticas incluíram o preparo de receitas, como biscoitos de angu com serralha (Ferreira; Toledo, 2020), e oficinas de arte que utilizaram materiais reutilizáveis, reforçando que a agroecologia também se inspira e se expressa através da cultura e da criatividade do povo.

Discussão: Articulando teoria, prática e percepções

A estrutura em eixos da "Trilha", detalhada no Quadro 2, mostra uma arquitetura pedagógica que não só reflete, mas intencionalmente constrói a tripla dimensão da Agroecologia proposta por Altieri (2012): ciência, prática e movimento. A discussão a seguir articula como essa estrutura, com seus conceitos-chave e dimensões específicas, se conecta com o referencial teórico e culmina nas transformações percebidas pelos cursistas.



Figura 7. Aula sobre Plantas medicinais.

Fonte: Banco de dados do Trilhas da Agroecologia - TURMA1 (2025).

O percurso inicia-se com o Eixo 1, "A Base Sólida", que estabelece a Dimensão Científica e Técnico-Prática da agroecologia. Ao focar em conceitos-chave como "ciência do solo", "matéria orgânica" e "resiliência do sistema", o curso fornece o alicerce técnico necessário. Contudo, a genialidade da proposta reside em sua recusa a permanecer no tecnicismo. Imediatamente, o Eixo 2, "O Chão que pisamos", desloca o foco para a Dimensão Política, Social e Cultural. Aqui, conceitos-chave como "racismo ambiental", "resistência" e "soberania alimentar" transformam a discussão, mostrando que o solo não é apenas um substrato bioquímico, mas um território de

disputa e identidade. Essa transição deliberada do técnico para o político é o que impede que a agroecologia seja reduzida a um mero pacote de técnicas, consolidando-a como um projeto de transformação social.

Essa integração é viabilizada por uma pedagogia da vivência, que se alinha aos princípios da Educação Popular. É nos Eixos 3 ("Mãos na Terra"), 4 ("Da Horta à Sociedade") e 5 ("A Cura e o Sabor") que a máxima de Paulo Freire (1987) – de que os sujeitos se educam "mediatizados pelo mundo", se torna concreta. O "mundo", neste caso, são os territórios visitados e os saberes compartilhados. A presença de

mestres populares, raizeiras e ativistas ao lado de técnicos não é um mero adendo, mas a manifestação prática da "ecologia de saberes" de Santos (2007). Ao abordar conceitos-chave como "controle biológico", "circuitos curtos" e "etnobotânica" através de vozes diversas, o curso desafia a monocultura do saber científico e promove um ato de justiça cognitiva.

O impacto dessa abordagem transparece diretamente nas percepções dos cursistas. A análise de conteúdo dos depoimentos revela que o curso catalisou transformações profundas que podem ser diretamente ligadas à sua estrutura. Quando os participantes descrevem a agroecologia usando termos como "vida", "regeneração" e "alquimia", eles não estão apenas expressando uma emoção vaga. Eles estão verbalizando a síntese que fizeram entre a Dimensão Científica do Eixo 1, a compreensão do "ciclo de nutrientes" e a Dimensão Prática e Vivencial do Eixo 3, a experiência de fazer compostagem. A "alquimia" é o resultado de ver a teoria da vida do solo se transformar em adubo real em suas mãos.

Da mesma forma, a afirmação de que muitos já estão "pondo em prática o aprendizado" confirma a eficácia do curso em promover a práxis freireana: a unidade entre reflexão e ação. Isso demonstra que os conceitos-chave dos eixos práticos ("gestão de resíduos", "PANCs") não foram apenas memorizados, mas internalizados como ferramentas para transformar a realidade imediata. Finalmente, quando os cursistas definem a agroecologia como "movimento" e clamam pela "continuidade do curso", eles evidenciam que absorveram a Dimensão Política dos Eixos 2 e 4. Eles compreenderam que a agroecologia está ligada à "resistência" e à luta por "soberania alimentar" (CONSEA, 2007), e

agora se veem como parte desse coletivo. A demanda por continuidade não é apenas um elogio, mas um indicador do sucesso do curso em criar uma comunidade de prática engajada, cujo principal desafio, agora, é encontrar caminhos para se manter articulada.

Considerações Finais

A análise da "Trilha da Agroecologia 2025/1" explicita uma iniciativa de formação de excepcional riqueza pedagógica e política. Longe de ser um manual técnico, o curso se constitui como uma jornada de imersão que reconecta os participantes com a terra, com a ancestralidade, com o território urbano e com as complexas teias que formam nosso sistema alimentar.

Ao trazer vozes de mestres populares, lideranças de terreiro, raizeiras e ativistas, o CRESAN não apenas ensina agroecologia, mas a prática em sua essência: como um movimento social inclusivo, fundamentado na pedagogia freireana da autonomia e na ecologia de saberes. A iniciativa forma não apenas agricultores urbanos, mas cidadãos bioculturais, dotados de ferramentas técnicas e, sobretudo, de consciência crítica para atuar na construção de cidades mais justas, resilientes e, por que não, mais saborosas. A "Trilha da Agroecologia" se firma, assim, como uma política pública necessária.

Agradecimentos

Expressamos nossa gratidão à equipe do Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional (CRESAN) e à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais. A oportunidade de participar do curso "Trilha da Agroecologia" nos proporcionou uma rica jornada de aprendizado e transformação. Agradecemos por esta importante política pública de educação popular, que

fortalece a agroecologia e inspira a construção de uma cidade mais sustentável.

Referências

ALTIERI, M. A. ***Agroecologia**: as bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília, DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (CONSEA). **A segurança alimentar e nutricional e o direito humano à alimentação adequada no Brasil**: relatório da III Conferência Nacional de SAN. Brasília, DF: CONSEA, 2007.

FERREIRA, A. P. et al. **Circulador de saberes: metodologias participativas e práticas agroecológicas**. Belo Horizonte, MG: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, 2024.

FERREIRA, M. C.; TOLEDO, N. M. V. Plantas alimentícias não convencionais (PANC): uso em formulações de tortas salgadas e avaliação da aceitação sensorial. In: SIMPÓSIO DE SEGURANÇA ALIMENTAR, 7., 2020. **Anais eletrônicos** [...]. [S. l.], 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, J.; SOUZA, M. A. de. Da informação à ação: lições do projeto Lixo Zero Santa Tereza em Belo Horizonte, MG. **Diálogos Socioambientais**, v. 8, n. 21, p. 92–101, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/dialogossocioambientais/article/view/1188>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MOUGEOT, L. J. A. Urban agriculture: definition, presence, potentials and risks. In: BAKKER, N. et al. (Org.). **Growing cities, growing food**: urban agriculture on the policy agenda. Feldafing: DSE, 2000. p. 1-42.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Programação - Trilha da Agroecologia 2025/1**. Belo Horizonte: CRESAN, 2025. (Documento de circulação interna). Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/seguranca-alimentar-nutricional/gastronomia-e-qualificacao-profissional/trilhas-agroecologia>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Projeto Poliniza BH**. [S. l.]: Prefeitura de Belo Horizonte, [s. d.]. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-inaugura-meliponarios-do-projeto-poliniza-bh-que-preserva-abelha-sem-ferrao>. Acesso em: 4 jul. 2025.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Trilha da Agroecologia**. [S. l.]: Prefeitura de Belo Horizonte, [s. d.]. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/seguranca-alimentar-nutricional/gastronomia-e-qualificacao-profissional/trilhas-agroecologia>. Acesso em: 4 jul. 2025.

PRIMAVESI, A. M. **Curiosidades: a vida do solo**. [S. l.]: Ana Maria Primavesi, [s. d.]. Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/curiosidades/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**, n. 79, p. 71-94, 2007.